

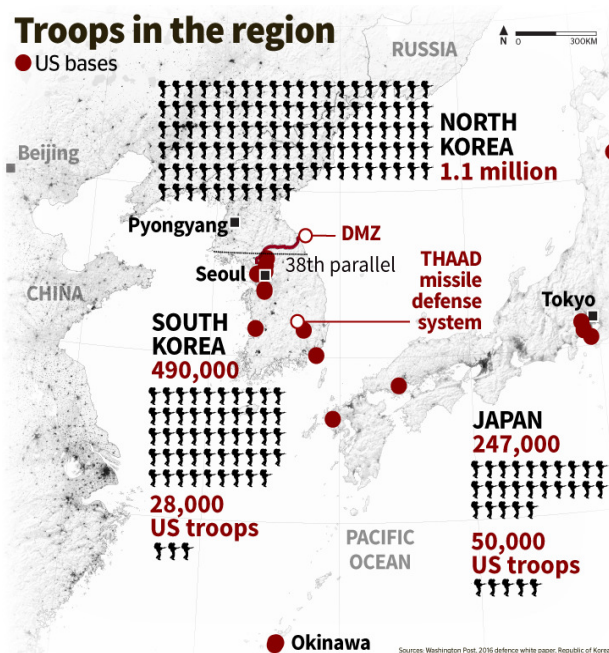
2017/07/18

## Coreia do Norte e EUA em rota de colisão?

Alexandre Reis Rodrigues

Na questão coreana, se há aspeto de que os EUA não se podem queixar é falta de tempo para decidir o que devem fazer. Há muito que a Coreia do Norte se mostra consistente em não dar qualquer sinal de cedência às exigências internacionais, que consensualmente lhe têm sido feitas, para suspender o seu programa nuclear e o programa dos mísseis balísticos.

O ensaio de um míssil intercontinental estava anunciado por Pyongyang há muito. Só não se sabia a data, muito menos que seria escolhido o feriado americano do 4 de julho para, de forma provocativa, o concretizar.



Não obstante a previsibilidade destes desenvolvimentos e o tempo disponível para reagir, não se estranhará que os EUA ainda não tenham feito a escolha final sobre como evitar que a Coreia do Norte se torne uma potência nuclear, incluindo a posse de mísseis balísticos intercontinentais. Por uma simples razão: não há nenhuma opção boa em cima da mesa. Exceto a habitual: usar o tempo. Isto é adiar, enquanto for possível, não obstante a situação estar a tornar-se exasperante. Pior do que isso: estar a passar uma ideia de perda de poder e de influência dos EUA.

Washington está seguramente ciente de que a aposta no potencial de influência da China, como detentora da chave de solução do problema e abertamente contrária ao surgimento de mais uma potência nuclear na região, não vai funcionar. Primeiro porque Pequim receia que mais pressão leve a um desmoronamento do regime norte coreano e subsequente grave instabilidade junto das suas fronteiras, uma situação muito mais difícil de gerir do que uma Coreia do Norte com armas nucleares. Segundo, porque a Coreia do Norte, malgrado a dependência quase total da China, vê na recusa de Pequim em levar a pressão longe demais, um sinal de que tem espaço suficiente para recusar submeter-se. Nestas circunstâncias, insistir com a China para que seja consequente com a posição que tomou no Conselho de Segurança - afirmando que o ensaio foi uma «flagrante e imperdoável violação de anteriores Resoluções do Conselho de Segurança» - é apenas uma forma de os EUA ganharem tempo, adiando uma tomada final de posição sem parecerem inativos.

No campo diplomático, têm sido referidas algumas iniciativas, mas as expectativas são muito baixas. O que veio a público das conversações informais que consta estarem em curso entre representantes dos EUA e do regime coreano, em Oslo, diz-nos que a Coreia do Norte apenas reafirmou a sua determinação de não suspender

os seus programas (nuclear e de mísseis balísticos) **enquanto** os EUA não abandonarem a postura hostil e ameaças contra o regime coreano. O termo "enquanto" é interessante porque, na prática, admite a possibilidade de suspensão desses programas, se as condições forem as certas. O que pode querer isso dizer da parte de Pyongyang? Primeiro, que não aceitam qualquer pré-condição. Segundo, que talvez não excluam a possibilidade de aceitar uma moratória sobre os dois programas, mas certamente nunca antes de atingirem um patamar de capacidades com a credibilidade suficiente para se sentirem confortáveis com uma moratória. Até lá, continuarão, certamente, a fazer ensaios, arriscando apostar na ideia de que nunca virá uma reação americana com uso da força.

A opção de uso da força militar, embora muito discutida e referida sempre por Washington como estando em cima da mesa, na prática, é um recurso a que os EUA têm tentado, por várias formas, não ter que recorrer. No entanto, à medida que a crise se situa cada vez mais no centro dos interesses primários de segurança dos EUA – o que não acontecia no tempo da administração Obama – é provável que a sua prioridade esteja sob revisão permanente. Daí a que esteja eminente vai um passo ainda grande, mas vários analistas concluíram já que os EUA e a Coreia do Norte estão num rumo de colisão, de que começa a ser tarde conseguirem sair.

Trump tem usado uma linguagem agressiva e autorizou a embaixadora americana nas Nações Unidas a declarar que os EUA estão «prontos a usar considerável força militar, se necessário», mas os alvos destas declarações serão mais a China e a Rússia do que a Coreia do Norte, sob a esperança de que estas duas potências – principalmente a primeira – ajudem a mudar o comportamento de Pyongyang. Se, no entanto, descontarmos a linguagem de Trump, os EUA, na prática, estão apenas a seguir uma variante da postura de "*strategic patient*" lançada por Obama, ainda que a tenham repudiado e dado a ideia de que com a atual administração tudo seria diferente. Será, certamente, em muitas áreas, mas não seguramente nesta. Não podia ser de outra forma. Não se trata de um assunto que possa andar ao sabor das mudanças de administração embora algumas *nuances* na forma de lidar com o problema sejam inevitáveis e até bem-vindas para ver como o regime reage.

O assunto tornou-se muito sério, porque o míssil disparado a 4 de julho, segundo os peritos, teria condições de atingir o Havai e a localidade de Greater Anchorage no Alasca, onde vivem cerca de 4.000 americanos. Apenas não foi lançado com a inclinação ideal. Usaram – presume-se que deliberadamente - uma inclinação maior, o que o fez subir para maior altitude, mas perder alcance. No entanto, existem sérias dúvidas de que a Coreia do Norte domine a tecnologia necessária para o emprego de um míssil intercontinental armado com uma ogiva nuclear, especialmente na fase de reentrada na atmosfera. Neste quadro, os EUA ainda continuam com algum tempo para manobrar sem perder a face, mas o espaço é cada vez mais exíguo e o contexto político mais complexo, nomeadamente no que respeita ao posicionamento da Coreia do Sul.

O Presidente Moon Jae-in, recentemente eleito, quer colocar a Coreia do Sul num papel de liderança da gestão do relacionamento entre as duas Coreias, evitando a marginalização de que o País foi vítima no passado. Paralelamente, quer apostar em investimentos económicos e relançar as conversações multilaterais a seis que estão suspensas desde 2009. A grande dificuldade será harmonizar a postura mais conciliatória de Seul com a permanência da exigência americana de desnuclearização (completa, verificável e irreversível) da Península Coreana. Se é impossível imaginar Pyongyang a aceitar esta exigência, não será certamente mais fácil imaginar os EUA a desistirem da sua imposição.